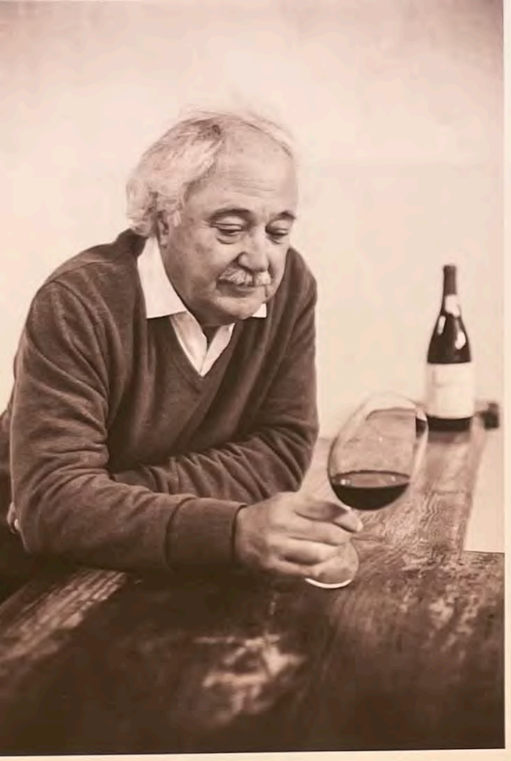
DOURO

{ 20 ANOS DE PATRIMÓNIO MUNDIAL }

UMA TERRA QUE É DO MUNDO



João Nicolau de Almeida

O pioneiro dos vinhos de mesa do Douro que se rendeu à vitivinicultura orgânica

PEDRO GARCIAS TEXTO
NELSON GARRIDO FOTOGRAFIA

Há várias famílias do vinho que espelham bem as voltas que o Douro deu nas últimas décadas. Os Alves de Sousa são um bom exemplo.

Esta família do concelho de Santa Marta de Penaguião, hoje com quintas em várias zonas do Douro (possuem cerca de 130 hectares de vinha), foi durante várias gerações vendedora de uvas para vinho do Porto. Manteve-se assim até ao início da década de 90 do século passado. Em 1991, já com Domingos Alves de Sousa ao leme, quis dar um novo destino aos excedentes do vinho do Porto, para tornar a exploração mais rentável, e lançou o primeiro vinho de mesa, o Quinta Vale da Raposa Branco. No ano seguinte, produziu o primeiro tinto, o Quinta da Gaivosa, que viria a ser um sucesso (ainda é). Hoje, o nome Alves de Sousa é um dos mais aclamados do Douro.

Engenheiro civil de profissão, Domingos Alves de Sousa tinha o essencial, quando decidiu mudar o rumo da casa, passando a produzir e a engarrafar os próprios vinhos: as uvas. Para montar o negócio, socorreu-se de Jorge Dias (hoje director-geral da Gran Cruz, uma das maiores empresas de vinho do Porto e não só) e do enólogo Anselmo Mendes, que se manteve como consultor até ao ano de 2013. A partir deste ano, os vinhos ficaram a cargo exclusivo de Tiago Alves de Sousa, filho de Domingos. Doutorado em Enologia, Tiago é quem define os caminhos de modernidade da viticultura e dos vinhos Alves de Sousa, contando com a abertura e o entusiasmo do pai. "Já não aplicamos herbicidas em nenhuma das nossas quintas", diz Domingos, com orgulho.

João Nicolau de Almeida, filho do criador do Barca Velha, também não. Na sua Quinta do Monte Xisto (Vila Nova de Foz Côa), que partilha com os filhos (Mateus e João cuidam da viticultura e dos vinhos e Mafalda trata da comunicação e a da promoção), só há espaço para tratamentos orgânicos, sobretudo à base de plantas locais.

É uma vida nova para o homem que teve um papel essencial na selecção das castas que, a partir de meados da década de 80 do século passado, estiveram na base da renovação dos vinhos do Douro. Um trabalho desenvolvido na Ramos Pinto com o tio José António Rosas que levou esta empresa a entrar, a partir da colheita de 1990, também nos vinhos de mesa com o tinto Duas Quintas, um ícone da altura.

João Nicolau de Almeida comprou a Quinta do Monte Xisto, quando ainda presidia à Ramos Pinto e, enquanto não se reformou, delegou a gestão da propriedade nos filhos. Um dia foi lá e viu umas barricas cheias com umas mistelas "que cheiravam muito mal". Assustou-se e torceu o nariz aos "novos" produtos que os filhos se preparavam para utilizar na vinha. Afinal de contas, João tinha feito toda a sua carreira em viticultura convencional e nunca imaginou que, depois de se reformar e guiado pelos filhos, em particular por Mateus, se iria transformar num fervoroso defensor da viticultura orgânica e dos vinhos de intervenção mínima. Mas foi mesmo isso que aconteceu. "Estou a gostar muito deste salto para um novo mundo. Não desprezo o que fiz antes." Acho que dei o meu contributo na selecção das melhores castas e na forma de plantar no Douro, agora aprendo com as novas gerações", diz.

Dirk Niepoort

Um homem contra a corrente

PEDRO GARCIAS TEXTO
ANNA COSTA FOTOGRAFIA

Como todas as pessoas especiais, ou mesmo geniais, Dirk Niepoort não é consensual. Mas, pelo menos nas últimas décadas, dificilmente alguém fez mais pela promoção e valorização do Douro e dos seus vinhos. Tanto no país como no mercado externo.

Dirk Niepoort é um grande *marketeer* e um homem do mundo. Provou tudo o que havia para provar e conheceu tudo o que havia para conhecer. Só que levar o mundo a olhar para o Douro nunca foi fácil, mesmo sendo o vinho do Porto um vinho do mundo. E fazê-lo através de um novo tipo de vinho, o vinho de mesa, ainda mais. O grande mérito de Dirk, além de ter inspirado inúmeros enólogos e produtores (alguns levaram a inspiração longe de mais e perderam o norte), foi ter conseguido convencer a crítica internacional a prestar atenção aos novos vinhos tranquilos durienses, produzidos com as mesmas uvas de que eram feitos os melhores vinhos do Porto — uma das suas paixões.

Quarenta anos não é nada na história de um vinho e de uma região. Olhando para trás, até custa a acreditar que o novo vinho do Douro, o que veio acabar com a hegemonia do vinho do Porto, só tenha nascido oficialmente em 1982. O mesmo ano que pôs Bordéus e o guru Robert Parker nos píncaros e que levou o mundo, num processo de mimetização, a apostar como nunca nos vinhos encorpados e com longo estágio em barricas novas. O Douro está, pois, ainda na infância. E, no entanto, quando pensamos em vinhos como o Pintas, o Abandonado, o Quinta do Côtto Grande Escolha, O Duas Quintas, o Quinta do Vale Meão, o Quinta da Touriga Chã, o Poeira, o Quinta do Crasto, o Quinta Vale Dona Maria, o Quinta do Vallado, o Quinta da Leda ou os Batuta e Redoma da Niepoort, imaginamo-los com muita mais história. O próprio nome Douro Boys, grupo informal que juntou Dirk Niepoort às quintas do Vallado, Vale Meão, Crasto e Vale D. Maria, parece já bastante datado. No mundo do vinho, o tempo voa.

Se há alguém que tem noção disso, é Dirk Niepoort. No seu estilo muito *soixante-huitard*, tem revelado grande mestria e experiência na forma de antecipar tendências e de seguir por caminhos contrários à maioria. A deriva que fez nos últimos anos em busca de vinhos com menos álcool, mais frescos e mais digestivos não caiu bem nos adeptos dos seus primeiros vinhos. Alguma crítica também continua a franzir o sobrolho perante alguns dos seus novos vinhos. Nem tudo o que Dirk faz é imaculado. Depois de ter comprado a Niepoort à irmã e à mãe, tem uma empresa para pagar. Também se pode questionar a crítica constante que faz aos vinhos encorpados que até alguns parceiros dos Douro Boys produzem. Mas, mais uma vez e de uma forma global, Dirk parece estar do lado certo da história. Já com alguns de garrafa, vinhos como o Charme ou o Turris, olhados inicialmente com perplexidade, mostram agora toda a sua riqueza e distinção, comprovando que há espaço, e crescente mercado, para um novo tipo de vinho do Douro. Um vinho ainda mais distante do vinho do Porto e que Dirk diz ser herdeiro do vinho de mesa do Douro de outros tempos. "O que é moda é o vinho pesadelo que se faz hoje", gosta de dizer.